

Diálogo com o sofrimento *

Este trabalho tem por título *Diálogo com o sofrimento*. Semelhante epígrafe inspira-se num pequeno-grande livro intitulado *Dialogues avec la souffrance*, publicado em França, nos meados do século XX¹. Pequeno pelo formato e número de páginas, grande pelo conteúdo e número de colaboradores, nada menos que 14, e daí o plural *Dialogues*. Estes que dialogam são os nomes mais sonantes da alta intelectualidade católica da França de então.

Recordemos alguns. O mais célebre é sem sombra de dúvida Paul Claudel, o grande convertido em Notre-Dame, um dos maiores poetas e pensadores cristãos da França do século XX, o poeta místico das *Cinq grandes Odes* e dos belos dramas de *L'Annonce faite à Marie* e do *Soulier de satin*. Lembremos também François Mauriac, prémio Nobel de Literatura em 1952; e ainda André Maurois; os teólogos A.-M. Carré e A. D. Sertillanges. Do lado das senhoras, destaquemos Suzanne Fouché.

Todos eles dialogam sobre o mistério insondável do sofrimento. E porque se trata dum mistério insondável, que ultrapassa toda a capacidade humana de compreensão, muitas outras abordagens do mistério têm surgido. Apraz-nos referir duas recentes no pensamento português. A primeira é de João Duque: *O Mal – Deus em questão?*²; a outra encontra-se na *Communio*, Revista Internacional Católica, com vários colaboradores, sob o título geral de *Deus sofredor?*³

A nossa contribuição não tem quaisquer pretensões a desvendar o mistério, mas tão-só dizer uma pequena e humilde palavra

* A presente exposição tem como ponto de partida a homilia proferida pelo autor na igreja de Santo Condestável, cidade de Lisboa, em Sexta-feira Santa de 2005.

¹ Éditions Spes, Paris, 1963.

² In *Didaskalia*, Revista da Faculdade de Teologia de Lisboa, vol. XXIX (1999), fascículos 1-2, de homenagem a D. José da Cruz Policarpo, pp. 301-334.

³ *Communio*, Ano XX (2003), n.º 6.

sobre tão insondável desígnio. O nosso diálogo é com os que sofrem e Aquele que se ofereceu pelos que sofrem e continua a sofrer, Jesus Cristo Senhor.

O sofrimento não é um castigo

Para que este diálogo tenha sentido, importa salientar, uma vez mais, que o sofrimento é um mistério insondável, e não um absurdo, como pensam os que não têm fé. Só nesta perspectiva é susceptível de significado transcendente e espiritual⁴.

O ponto de partida desta reflexão encontra-se no Evangelho de S. João (9,1-2): «Jesus, ao passar, viu um cego de nascença, e os discípulos perguntaram-Lhe: «Rabi, quem pecou, para que nascesse cego, ele ou os seus pais? Nem ele nem os seus pais, respondeu, mas para que as obras de Deus se manifestassem nele»⁵. Jesus afasta a ideia corrente dos que consideravam o sofrimento como um castigo, sem buscarem uma visão mais alta. A resposta aponta o caminho: «Eu sou a luz do mundo». O encontro com Ele é algo de sagrado, de transcendente, que nos liberta de todas as dúvidas e angústias.

«O sofrimento, com efeito, não é um castigo, mas uma eleição. Aquele que sofre foi escolhido para dar um testemunho, o testemunho das obras de Deus». «Deus passou por lá»⁶.

Para maior clareza nesta reflexão, importa distinguir duas vertentes: o sofrimento que nos advém por desígnio eterno de Deus, que é sempre um desígnio de *amor*; e o sofrimento que nos impomos a nós próprios, porque *amamos* a Deus e a seu Filho crucificado por nós. Um e outro são caminhos de santidade. Martírio e santidade são indissociáveis. Este o dueto que marca o ritmo da vida cristã. Amamos porque sofremos, sofremos porque amamos.

Vejam estas afirmações de Paul Claudel, que nos parecem a mais bela aproximação do mistério: «O Filho de Deus não veio para destruir o sofrimento, mas para sofrer connosco. Não veio para destruir a cruz, mas para abraçá-la. De todos os privilégios específicos da sua Humanidade é este que escolheu para si, o lado da morte. Assim nos ensinou qual era o caminho da saída e da possibilidade de transformação», isto é, de ressurreição⁷.

⁴ Cf. Gabriel MARCEL, in *Dialogues avec la souffrance*, p. 91.

⁵ *Ibidem*, Souzanne Fouché, p.179.183.

⁶ *Ibidem*, p.182.

O Filho de Deus veio para sofrer connosco, diz-nos Paul Claudel. Como e de que modo? Ele está *nos* que sofrem e *com* os que sofrem, acrescentaremos nós. Está *nos* que sofrem, porque Ele é a cabeça e nós os seus membros (*Ef* 1,22-23). Está *com* os que sofrem, porque Ele é o Verbo eterno, que triunfou do sofrimento e da morte pela ressurreição e envia o Espírito do Pai que conforta, fortalece e guia todos os que choram (*Jo* 15,25-27).

Rios de sofrimento e angústia

Porquê eu? Pergunta inevitável, dramática, aparentemente sem resposta. Olhemos para um doente acamado, para o seu sofrimento e a sua dor. Eis um exemplo concreto, dos nossos dias, a Beata Alexandrina de Balasar, beatificada a 25 de Abril de 2004, acamada há 19 anos.

O sofrimento das sextas-feiras foi uma das suas maiores provações. De 3 de Outubro de 1938 a 27 de Março de 1942, ou seja, 182 sextas-feiras seguidas. Eis como ela se exprime:

«O meu peito arde, queima-me o coração:
que fogo ardente!
O edifício está sempre dentro de mim:
está em chamas e queima violentamente.
Sinto de novo que sobre este edifício foi posta
uma rocha mundial.
Eu bato-a, giro em torno dela, devo sacudi-la.
As chamas do edifício ardem por baixo e em redor.
O fogo não se apaga; a rocha em todo o redor,
aqui e ali, desfaz-se em bocados, como lenha.
Sinto resvalar os bocados da rocha.
Mas, meu Deus, com quanta fadiga! Há tanto que fazer!
Este fogo não pode parar: a rocha deve ser
toda transformada, fundida no fogo divino.
Queria ver só fogo: fogo nos corpos, nos corações, nas almas»⁸.

⁷ *Ibidem*, p.198.

⁸ As nossas referências à Beata Alexandrina e suas manifestações místicas constam de um pequeno volume (80 páginas), organizado pelo *Correio da Manhã* aquando da sua Beatificação, intitulado *Alexandrina de Balasar Mensageira de Cristo*. Esta passagem, p. 27.

O dia do sono vigilante

A liturgia da Igreja Maronita, no Líbano é, em nosso entender, a que melhor exprime o drama central do cristianismo, ou seja, a passagem da morte à vida, do sofrimento à glória, no Ofício de Sábado Santo. Oferece-nos, pelo menos, uma explanação de natureza litúrgico-teológica, trabalho escrito por uma religiosa, a irmã Marcela Hadaya⁹, que nos fascina desde o primeiro contacto.

Os efeitos redentores da sepultura de Cristo em Sábado Santo – que ela designa por «Dia do sono vigilante» – não dizem respeito só àqueles que já morreram. Os efeitos redentores de Cristo e da sua descida ao *schéol*, explica ela, englobam todos os homens, através dos séculos. É dupla, na verdade, a vitória obtida por Cristo a favor do homem: no túmulo, a vitória sobre a corrupção corporal; e no *schéol*, a vitória sobre a morte espiritual. O homem é assim salvo nas duas vertentes: a espiritual e a material. A salvação total será manifestada na ressurreição escatológica.

Por outro lado, o carácter escatológico dos efeitos redentores da descida de Cristo ao *schéol*, recorda o obra de Cristo, fonte de toda a luz. E importa acrescentar que a obra de Cristo assegura a nossa ressurreição, a nossa libertação, a nossa renovação, que começa aqui na terra e a sua plenitude na vida eterna.

E daí a súplica (também da liturgia maronita):

«Filho livre e eterno que Te tornaste escravo da morte e deste ao túmulo, multiplica a esperança aos defuntos. Multiplica também, desde já, Senhor, a esperança, a consolação, o lenitivo da salvação e desta promessa a todos os crentes, a fim de que, na alegria e no júbilo, Te dêem graças, a Ti e ao Pai»¹⁰.

O amor é mais forte que a morte

Depois do nosso olhar para Alexandrina de Balasar, olhemos para outra mística do nosso tempo, a Beata Isabel da Trindade († 1906), beatificada por João Paulo II, a 25 de Novembro de 1984.

A melhor apresentação que dela poderíamos fazer, será retirada da homilia do Santo Padre aquando beatificação. «Ousamos

⁹ Soeur Marcelle HADAYA, *L'Office Maronite du Samedi Saint*, traduction et étude liturgico-théologique, Baslik, Liban, 1995.

¹⁰ As diversas referências a este trabalho encontram-se nas páginas respectivamente 5, 331-334 e 258-259.

apresentar hoje ao mundo esta religiosa de clausura, que leva uma vida escondida com Cristo em Deus (*Col 3,3*), porque é um testemunho resplandecente da alegria de estar arreigada e fundada no amor (cf. *Ef 3,7*). Isabel também conheceu o sofrimento físico e moral. Unida a Cristo crucificado, ofereceu-se totalmente, completando na sua carne a paixão do Senhor»¹¹.

Seja-nos permitido acrescentar a estes dados mais alguns esclarecimentos menos conhecidos. Ela estava a morrer de tuberculose, mas «ardia de amor por Aquele que, irresistivelmente, a atraía para ele. O seu palato, a sua língua estavam em fogo, ardia todo o seu corpo». As suas últimas palavras foram: «Vou para a Luz, para o Amor, para a Vida»¹².

Eis dois dos seus poemas mais significativos:

«Desejo morar na Mansão de amor
Na irradiação da luz da tua Face
E viver só de ti como num tempo de divino sabor
Naquela doce paz que nada ultrapassa.
Aí se há-de operar a transformação,
Pois lá, como um outro tu, me tornarei».

«Na calma profunda do teu eterno Ser,
Digna-te sepultar-me para que, nesta vida,
Possa em tudo como no Céu permanecer
Em teu amor e na paz sem medida»¹³.

Neste registo do amor insondável de Deus pelo homem e da resposta deste ao desígnio do Criador e Salvador, importa recordar o Livro de *Job*, um dos mais belos livros do AT. Job teve a percepção do mistério e esboçara uma resposta: «Saí nu do ventre de minha mãe, e nu para ele voltarei. O Senhor o deu, o Senhor o tirou. Bendito o nome do Senhor (*Job 1,21; 2,10*).

Palavras simples, profundas e belas. Há porém uma que merece particular atenção, pois diz respeito à atitude fundamental

¹¹ Isabel da TRINDADE, *Obras Espirituais*, edição, selecção e tradução por Manuel REIS e Carlos H. do Carmo SILVA, Edições Carmelo, Oeiras, 1989, p. XIII.

¹² Jean GUITTON, diálogo com Jean-Jacques ANTIÉ, *Os misteriosos poderes da Fé*, Editora Âncora, 2000, p.117.

¹³ Isabel da TRINDADE, *Obras Espirituais* (citada na nota 11), pp. 355-6.

do homem perante o desígnio de Deus sobre cada um de nós: «Seja louvado o nome do Senhor!».

A fundamentação teológica desta atitude é feita com tal precisão pelo biblista português Armindo Vaz, que havemos por bem transcrevê-la: «Job deve amar a Deus, porque Deus o amou primeiro; o amor deverá ser a última palavra de tudo, porque já fora a primeira palavra de tudo; só o amor gratuito pode ter movido Deus a criar e só pelo amor gratuito pode e quer ser louvado»¹⁴.

A cruz de Cristo e a cruz da Igreja

No diálogo com o sofrimento não poderemos esquecer o sofrimento da Igreja, esposa de Cristo. Hoje há mesmo uma fundação para «Ajuda à Igreja que sofre». Este organismo é recente, mas o sofrimento de sempre, desde as origens, os mártires, com mais ou menos alternativas, maior ou menor intensidade, mesmo depois da Igreja ter pedido perdão de faltas cometidas.

Quem melhor falou deste mistério foi o Patriarca de Alexandria, S. S. Shenuda III, da Igreja copta, no Egipto, há anos. Ele é simultaneamente um grande teólogo e um grande poeta, e escreveu um belo poema do qual transcrevemos algumas estrofes. Falará bem melhor que quaisquer considerações de natureza pessoal.

Igreja!
 Esmagada pela injustiça, perseguida pela morte,
 Sacudida pela perseguição, torturada, experimentada,
 Transpassada de cravos e de espinhos,
 Como Jesus.

Sim, eles torturam-te, a ti e aos teus filhos,
 Perseguiram-te e expulsaram-te;
 Eles apedrejaram-te,
 À força de mentiras, de calúnias e de falsidades.

Perante a maravilha, pergunta-se:
 Como pudeste tu resistir,
 Face à idolatria e à negação de Deus?

¹⁴ In *Paternidade divina e dignidade humana* (trabalho colectivo) no seu artigo «O Deus de Jacob», p. 51, Faculdade de Teologia de Lisboa, Semana de Estudos Teológicos de 1999.

Porque tu não és da terra, tu foste gerada no céu...
Não foste formada de poeira e água.
Tu és puro Espírito.
Tu és Justiça e Santidade,
Luz, Esplendor.

Tranquiliza-te, repousa.
O Crucificado está contigo.
E as portas do inferno nada poderão contra ti¹⁵.

A Senhora das Dores

Expressão exacta, genuinamente portuguesa, esta de Senhora das Dores. Já aquando da Apresentação no Templo, o Velho Simeão havia anunciado «que uma espada de dor Lhe transpassaria a alma (Lc 2,35) e no Calvário estava Ela, de pé, junto à Cruz do Filho (Jo 19,25).

Voltemo-nos, uma vez mais, para a Beata Alexandrina de Balasar. Por inspiração divina sem dúvida, exprime o sofrimento da Senhora, que é Mãe, sob o título de «Fala Nossa Senhora».

«Sou mãe que chora a perda dos seus filhos;
sou mãe que não pode vê-los em tanta desordem,
em tanta miséria e atrocidade.
Sou mãe que chora lágrimas de sangue
que banham toda a humanidade.
Não posso resistir a tanta dor,
não posso conceder-me trégua:
Quero salvar o mundo, quero sofrer tudo,
Quero-lhe dar a vida...»¹⁶

Estas palavras foram ditadas a 8 de Março de 1945, poucos meses antes do fim da II guerra mundial – guerra em que Portugal, terra de Santa Maria, felizmente não foi envolvido.

A II guerra mundial fez milhões de vítimas inocentes no holocausto nazi; e, depois, com o marxismo leninismo, ou seja, o mate-

¹⁵ Revista *Le Monde Copte*, fasc. 12, p. 11.

¹⁶ Ver obra citada no nota 8, pp. 27-28.

rialismo dialéctico, milhões e milhões de escravos e de assassinatos, que não é fácil quantificar, até à queda do muro de Berlim.

Para nós, cristãos, duas coisas estão certas, firmes e seguras no coração, à luz da fé: que todas as gerações proclamaram Maria bem-aventurada (*Lc 1,47*); e que Ela vela continuamente, com ternura de Mãe, pelos filhos que sofrem.

Obedecer no sofrimento

Eis uma das mais belas e densas afirmações da *Epístola aos Hebreus*, por vezes desconcertante. «Cristo apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obedecer no sofrimento e, tendo atingido a sua plenitude, tornou-se, para todos os que Lhe obedecem, causa de salvação eterna» (*Hebr 5,8-9*).

Oiçamos agora Santa Édith Stein, convertida do judaísmo e vítima do holocausto nazi, um dos espíritos mais brilhantes dos nossos dias, em todos os domínios do pensamento, inclusive a teologia e espiritualidade cristãs. Ela tem esta dolorosa afirmação de génio: «Foi à sombra da cruz que eu compreendi o destino do povo de Deus... Mas como isto é um mistério, nunca poderá ser compreendido só pela razão»¹⁷.

E qual foi o destino do povo eleito? O de realizar o desígnio eterno de Deus, concretizado no tempo, de salvar o homem pela Cruz redentora. Mas como isto é um insondável mistério, jamais poderá ser desvendado à luz da sabedoria humana, mas tão-somente vivido e participado à luz da fé, abraçando a Cruz redentora – e a cruz pessoal que Ele, em insondável desígnio, nos destinou...

JOAQUIM O. BRAGANÇA

¹⁷ In Frédéric MANNS, *Le Judéo – Christianisme. Mémoire ou Prophétie?*, Paris, Beauchesne, 2000, p. 382.